



Resumo da Fase Continental do sínodo na América Latina e Caribe



Narrativa: a fase continental do sínodo na América Latina e Caribe



1. “É possível caminhar tendo Cristo no comando, e deixar-se guiar pelo Espírito de Deus. Temos a esperança crescente de viver um novo tempo para a Igreja”. Esta expressão de um dos participantes da Etapa Continental do Sínodo reflete o entusiasmo que o processo suscitou na América Latina e Caribe e que teve como momento central os quatro encontros regionais realizados em El Salvador, Santo Domingo, Quito e Brasília, em fevereiro e março de 2023.
2. A preparação da Fase Continental começou um ano antes, com a formação de uma comissão que acompanhou as equipes nacionais encarregadas de animar a Fase Diocesana e que, ao mesmo tempo, estabeleceu os parâmetros para a assembleia continental, em diálogo com a Secretaria Geral do Sínodo. Depois de alguns meses, uma equipe de trabalho foi consolidada, composta por Dom Miguel Cabrejos (Presidente do CELAM), Dom Jorge Lozano (Secretário Geral do CELAM), Pe. Pedro Brassesco (secretário adjunto do CELAM), Hna. Daniela Cannavina (secretária geral da CLAR), Pe. Francisco Hernández (secretário executivo da Cáritas América Latina), Mauricio López

(diretor do CEPrap do CELAM, ligado à secretaria geral do Sínodo) e Oscar Elizalde (diretor do Centro de Comunicações do CELAM).

3. A Igreja latino-americana e caribenha percorreu um caminho de experiências participativas marcado pelas cinco Conferências Gerais do Episcopado Latino-Americano, o Sínodo da Amazônia, a Assembleia Eclesial e as estruturas eclesiais de comunhão no continente.
4. Nossa Igreja se alimenta da diversidade social e cultural de cada região, aspecto a ser cuidado e fortalecido para consolidar a identidade comum e uma renovada inculturação do Evangelho nas cidades. Por isso, decidiu-se que a Etapa Continental teria como momento central a realização de encontros regionais que permitissem maior participação, discernimento e escuta para contribuir com a própria riqueza e o modo particular de ser Igreja.
5. De um total de 400 participantes, foi estabelecido um número de representantes para cada país, proporcional à população total, atribuindo-lhes também um número estimado de bispos, sacerdotes, religiosos e religiosas, diáconos, leigos e leigas. Entre estes últimos, foi solicitada a integração especial de pessoas que faziam parte de áreas que não foram suficientemente ouvidas na fase diocesana. Por fim, o CELAM convidou representantes de setores periféricos que também não haviam sido convidados.
6. As reuniões regionais foram realizadas em San Salvador (El Salvador), para a região da América Central e México, de 13 a 17 de fevereiro; Santo Domingo (República Dominicana), para a região do Caribe, de 20 a 24 de fevereiro; Quito (Equador), para a região bolivariana, de 27 de fevereiro a 3 de março; e Brasília (Brasil), de 6 a 10 de março, para a região do Cone Sul.
7. No total, participaram 415 pessoas: 96 na América Central e México; 41 em países do Caribe; 92 na região bolivariana e 177 no Cone Sul. Havia 65 bispos; 70 sacerdotes; 61 religiosos e religiosas, 16 diáconos e 194 leigos e leigas.

8. Cada assembleia começou com um retiro espiritual na manhã de segunda-feira. Foi um momento de profundo encontro com o Espírito, onde foi significativo o espaço físico em que se realizaram: em El Salvador, na capela do martírio de São Oscar Romero e em Santo Domingo, na Catedral Primaz da América. À tarde, houve tempo para a apresentação do processo sinodal em relação à Assembleia Eclesial, a explicação da metodologia do diálogo espiritual e da formação das comunidades de vida com um primeiro encontro para que seus membros pudessem se conhecer.
9. Os dias seguintes foram dedicados à reflexão sobre o Documento para a Etapa Continental e as três questões que ele suscita. O terceiro capítulo foi dividido em três partes: a cada dia, uma delas foi abordada com três sessões grupais, uma para cada questão. Ao final de cada dia, houve uma partilha de todas as comunidades como um novo momento de discernimento conjunto. Foram coletadas 423 sínteses com intuições, tensões e temas a serem aprofundados a partir do que foi desenvolvido no DEC. Uma equipe do CELAM registrou e sistematizou essas propostas, identificando temas comuns, mas respeitando a multiplicidade de vozes e sugestões.
10. No último dia, as assembleias foram divididas em grupos por vocação, para reler a experiência e fazer novas contribuições sobre os horizontes para a próxima etapa, o que permitiu receber outros 30 documentos com contribuições.
11. À contribuição das regiões se somou o processo realizado por algumas organizações pastorais, como a Conferência Eclesial da Amazônia (CEAMA), a Rede Eclesial Pan-Amazônica (REPAM) e a Pastoral Afro, que seguiram seu próprio caminho à luz do DEC em várias reuniões e encontros.
12. Os momentos de espiritualidade marcaram fortemente cada dia, permitindo um clima de encontro com Deus e um senso de comunidade fraterna além da diversidade de estados de vida, línguas, cargos ou lugares de origem de cada participante. Além disso, os organizado-

res locais ofereceram momentos de recreação ou intercâmbio cultural que permitiram fortalecer os laços de pertença de cada região. Cada assembleia culminou com a celebração da Eucaristia.

13. De 17 a 20 de março, foi realizada uma reunião na sede do CELAM em Bogotá (Colômbia) para redigir a síntese continental com base nas contribuições de todas as assembleias. Foram convocados os membros da equipe de reflexão teológica pastoral do CELAM (muitos dos quais participaram das assembleias), os facilitadores que executaram a metodologia em cada reunião e os membros da equipe de coordenação da fase continental. Uma equipe de dezesseis pessoas, acompanhada por membros da Secretaria Geral do Sínodo, orientou o processo.
14. A redação envolveu o discernimento dos temas principais à luz do Espírito e da experiência vivida, individualmente e depois como um grupo. Na assembleia, o esboço foi acordado e, com as contribuições oferecidas, os temas foram elaborados por grupos, tendo o cuidado de inserir citações que refletissem as vozes ouvidas. A equipe de redação consolidou o texto final com base na leitura conjunta, correções e sugestões feitas.
15. Em 21 de março, no marco da reunião presencial dos secretários gerais das Conferências Episcopais, e com a participação on-line de seus presidentes, foi feita a uma releitura da experiência sinodal, com base no seu carisma e responsabilidade específicos. Neste marco, os bispos foram apresentados ao processo desenvolvido e ao texto proposto. Em seguida, reunidos em regiões pastorais, o documento foi lido e, finalmente, em plenário, fizeram contribuições e avaliações. O diálogo foi enriquecido pela presença do Cardeal Jean-Claude Hollerich S.J., relator do Sínodo; Dom Luís Marín de San Martín, subsecretário da Secretaria Geral do Sínodo; e Padre Giacomo Costa, coordenador da Comissão Preparatória do Sínodo.

16. Assim, a experiência vivida nesta fase continental consolidou o caráter participativo e comunitário da Igreja peregrina na América Latina e Caribe e lhe deu novas notas baseadas na metodologia utilizada, a forte impressão espiritual que foi buscada e a abertura para ouvir novas vozes.

Introdução:

uma igreja em chave sinodal



17. A Igreja da América Latina e Caribenha completou a etapa continental do processo sinodal convocado pelo Papa Francisco com o tema *Por uma Igreja Sinodal: comunhão, participação e missão*. A narrativa precedente explicou o processo de escuta, diálogo e discernimento realizado nas quatro assembleias regionais, com a participação das vinte e duas Conferências Episcopais. Nesta jornada juntos, aprendemos a desenvolver plenamente o sentido do “nós eclesial” e vários frutos foram colhidos.
18. A vida conciliar, sinodal e colegial em nossa Igreja tem uma longa história. No caminho percorrido pelos grandes missionários da primeira evangelização está Santa Maria de Guadalupe com seu rosto moreno, sua mensagem de “Deus por quem vivemos”, sua pedagogia inculturada através da conversação na língua indígena e a busca de uma terra sem males. Ela é a primeira discípula missionária do continente. Na Igreja em peregrinação na América Latina e no Caribe, o Espírito distribuiu uma rica diversidade de dons entre seus povos e os dotou de valores espirituais e comunitários, como o respeito à irmã mãe terra. Durante cinco séculos, a Igreja, com luzes e sombras, com santidade e pecado, evangelizou o continente dando testemunho da fé e lutando pela justiça - sobretudo através de seus santos e mártires - e assim contribuiu para formar comunidades de filhos, irmãos e irmãs.

19. Nos últimos tempos, acolhemos o poder do Espírito Santo que sempre rejuvenesce seu rosto através de significativos processos sinodais. Este caminho comum foi intensificado desde 1955 com a celebração da Primeira Conferência Geral do Episcopado no Rio de Janeiro e com a criação do Conselho Episcopal Latino-americano (CELAM), organismo de comunhão e coordenação a serviço dos bispos e das Conferências Episcopais. Destacam-se também as assembleias das Conferências Gerais do Episcopado: Medellín (1968), Puebla (1979), Santo Domingo (1992) e Aparecida (2007), no santuário mariano do Brasil, com o convite a serem discípulos e missionários de Jesus Cristo para que, nEle, nossos povos tenham vida.
20. Em 2019, o Papa Francisco sugeriu a preparação de uma primeira Assembleia Eclesial da América Latina e Caribe, insistindo que não fosse apenas uma reunião de bispos, mas de todo o santo povo fiel de Deus que caminha, reza, fala, pensa, discute e busca sua vontade. A celebração desta Assembleia, em 2021, foi recebida com grande alegria. Esta experiência sem precedentes, fruto do transbordamento do Espírito, ocorreu em meio à crise da pandemia e constituiu, em tempos de sofrimento e morte, o sinal profético de uma Igreja viva e próxima de seu povo para semear a esperança e construir o futuro. É um verdadeiro marco que combina a participação de muitos membros do Povo de Deus com o exercício do ministério pastoral dos bispos e dos episcopados. Com toda essa partilha foi elaborado o texto *Rumo a uma Igreja sinodal em direção às periferias. Reflexões e propostas pastorais da Primeira Assembleia Eclesial da América Latina e do Caribe*.
21. Houve também outros processos sinodais de diferentes dimensões e escopo que nos ensinam a caminhar juntos: o CELAM foi renovado e reestruturado com um estilo mais sinodal; foi realizada a Assembleia do Sínodo para a Amazônia; foi criada a Conferência Eclesial da Amazônia - CEAMA; e foram formadas várias redes eclesiais: a Rede Eclesial Pan-Amazônica - REPAM; a Rede Eclesial Ecológica Mesoamericana - REMAM; a Rede Eclesial do Gran Chaco e Aquífero Guaraní - REDCHAG. Estas redes prestam especial atenção à

inculturação do Evangelho e da Igreja, aos problemas específicos das comunidades indígenas e afro-americanas, aos valores da interculturalidade e ao cuidado do lar comum.

22. No contexto destes processos eclesiais, em meio às complexas realidades de nossos países e nossa região, as igrejas latino-americanas e caribenhas receberam a convocação do Papa Francisco para o sínodo sobre a Igreja sinodal. Queríamos integrar este novo processo na experiência regional e, ao mesmo tempo, contribuir para a sinodalidade de toda a Igreja da história recente, sabendo que o Espírito está tecendo harmonia. O Povo de Deus está experimentando o chamado para se sentir como sujeitos ativos da Igreja. Na assembleia da Região da América Central e México (CAMEX), um leigo expressou: *“Isto já é o Sínodo”*. Todos estes processos têm sido entrelaçados, forjando ricas contribuições de experiências, preocupações e propostas.
23. A Secretaria do Sínodo formulou a principal questão que orienta o caminho na pergunta: “como é este ‘caminhar juntos’ que permite à Igreja anunciar o Evangelho, de acordo com a missão que lhe foi confiada, está acontecendo hoje em vários níveis (do local ao universal); e que passos o Espírito nos convida a dar para crescer como Igreja sinodal?” (*Documento Preparatório 2, 26, Documento para a Etapa Continental 2, 105*). Em uma reunião regional, esta pergunta foi esclarecida: “O que queremos dizer quando dizemos ‘Igreja Sinodal’? Estas grandes perguntas convidam a aprofundar uma reflexão teológica, pastoral e espiritual que ajude a viver a eclesialidade, a sinodalidade, a ministerialidade e a colegialidade.
24. Aqui sintetizamos as principais contribuições do itinerário continental realizado na América Latina e Caribe em torno de oito temas principais que, ao mesmo tempo, incluem e referem-se a outras questões importantes para o espírito e a prática da sinodalidade. Eles reúnem

preocupações, tensões e prioridades. Cada um e todos são considerados “*em chave sinodal*”:

1. A centralidade do Espírito em uma Igreja sinodal.
2. A sinodalidade do Povo de Deus.
3. Sinodalidade: a forma de ser e de agir da Igreja.
4. A Igreja missionária sinodal.
5. A sinodalidade: o compromisso socioambiental em um mundo fragmentado.
6. Conversão sinodal e reforma de estruturas.
7. Vocações, carismas e ministérios em chave sinodal.
8. Contribuições do itinerário sinodal latino-americano e caribenho.

1. O protagonismo do Espírito numa Igreja sinodal



25. A Igreja é o Povo reunido, participando da comunhão do Pai, do Filho e do Espírito Santo (cf. LG 4). O caminho percorrido nos permitiu reconhecer como Deus está realmente conduzindo as Igrejas da América Latina e Caribe para um modo de ser cada vez mais sinodal, que é inerente à Igreja, mas que assume uma importância significativa diante dos desafios que as mudanças na sociedade representam para sua vida de comunhão e missão. Isto implica uma tomada de consciência sobre a experiência da nossa pequenez e fragilidade, intensificada pela crise da pandemia. É necessário *“confiar e afirmar o Espírito Santo como protagonista deste processo, e que ele ilumine as mudanças que podem ocorrer na Igreja de Jesus”* (Camex).
26. No Pentecostes, o Espírito está na origem da Igreja e é a fonte permanente de sua vitalidade. É Ele quem o move para fluir e atravessar a história com relevância e significado e quem o conduz pelos caminhos da renovação e do futuro. Ele molda a face da Igreja e o tecido relacional que torna possível a unidade na diversidade. Sem Ele, não há seguimento autêntico de Jesus, não há vida nova, não há *kairos* eclesiais. O Espírito encoraja sua Igreja a uma autêntica conversão que pressupõe: escuta, diálogo, discernimento, atenção refinada à realidade e capacidade de compreender o grito de Deus nos gritos permanentes que

ressoam na história. *“Este é o momento de reconhecer o kairós em que vivemos, com confiança no Espírito e a certeza de que tudo é obra de Deus”* (Cone Sul).

27. A experiência de saber que somos habitados pelo Espírito nos lança para além de nossas próprias análises e reflexões, convidando-nos a superar a tentação do intimismo, fundamentalismos e ideologias que nos fazem disfarçar o querer de Deus quando são a busca de interesses particulares. Ele nos pede para nos situarmos no contexto e enraizar a jornada eclesial nas profundezas da história, até nos deixarmos permeiar pela realidade, reconhecendo que nela Deus se manifesta e age, chamando-nos ao compromisso, a trabalhar com Ele, apaixonados por Seu Reino. Entendemos o caminho sinodal *“como um processo pessoal e comunitário de abertura radical à ação do Espírito Santo, o único capaz de criar um novo Pentecostes na Igreja e de superar a tentação constante de nos fragmentarmos”* (Bolivariana).
28. A ação do Espírito, como tudo no dinamismo do Reino de Deus, precisa ser discernida, sua voz precisa ser ouvida e acolhida, ouvindo *“o que o Espírito diz às igrejas”* (Ap 2,11). Seus sussurros exigem a docilidade de nosso coração. Daí a necessidade de assumir uma atitude permanente de discernimento, de buscar não fazer nossa própria vontade, mas como Jesus, fazer a vontade do Pai de Misericórdia. Isto gera uma grande tensão quando vivemos numa época em que a individualidade e o voluntarismo são tão exaltados, quando o “eu” é feito a medida de todas as coisas; quando somos tentados a impor aos outros nossas próprias intenções e ideologias que são visões parciais da realidade. Discernir significa distinguir, entre tantas vozes e movimentos, o que vem do Espírito, o que o Senhor nos diz e espera de nós. É o que temos feito neste processo, tentando superar nossas próprias tentações. Este discernimento precisa tornar-se cada vez mais comunitário, como a própria experiência de fé, e atento ao *“sensus fidei”* do caminho do povo de Deus.
29. Somos chamados a uma profunda reforma da Igreja, aquela que surge da ação de Deus nas profundezas da história. *“Eis que faço novas todas as coisas, você não vê?”* (Is 43,19). Somos chamados a viver uma conversão

que tem sua origem na escuta fiel de Deus e da realidade, uma escuta que é a condição para a transformação do coração. Devemos escutar uns aos outros e discernir os sinais dos tempos para buscar juntos a vontade de Deus à luz da Sagrada Escritura.

30. Durante esta viagem sinodal, sentimos o chamado para escutar a melodia do presente, convencidos de que a qualidade da escuta determina a qualidade da resposta e abre o caminho para o compromisso missionário. Compreendemos que a Igreja está hoje, mais que nunca, necessitando de um novo estilo relacional mais contextualizado, encarnado na realidade, capaz de escutar e fazer ressoar as diferentes vozes, e de se posicionar para gerar o diálogo necessário que favoreça o encontro. Sentimo-nos chamados a gerar autênticas dinâmicas de escuta, participação, comunhão, missão compartilhada e corresponsabilidade.
31. Para aqueles que participaram do processo sinodal, um fruto do Espírito é a renovação de sua esperança e o reconhecimento humilde e confiante de como a conversão sinodal é conduzida pelo Espírito. De uma atitude centrada em pensar a assembleia sinodal e o documento final como a resposta desejada, passamos ao reconhecimento da necessidade de paciência, constância, perseverança no propósito, coragem criativa e audácia, que são virtudes ligadas à esperança. Passamos à convicção de como a conversão sinodal começa no palco de nossa própria vida cotidiana, e daí se projeta, como fermento na massa, para a transformação do mundo inteiro. *“No caminho sinodal não devemos correr; devemos seguir o ritmo do Espírito para que a experiência nos permita dar tempo a cada momento”* (Camex). *“O caminho sinodal é um convite a sermos camponeses de fé; isto nos obriga a aprender novos verbos: esperar sem desespero, regar o necessário para cada tipo de planta, perseverar sem cansaço, certos de que somos guiados pelo Espírito”* (Bolivariana).
32. O Povo de Deus caminhou na esperança da vinda do Salvador. Hoje eles caminham na esperança alegre de seu retorno, que encoraja nosso serviço ao Reino e anseia pela plenitude da Vida para todos.

2. A sinodalidade do Povo de Deus



33. Muitas vozes ouvidas nas quatro assembleias regionais nos lembram que a renovação sinodal supõe *“recuperar a proposta conciliar expressa na noção de Povo de Deus, que sublinha a igualdade e a dignidade comum em vez das diferenças de ministérios e carismas”* (Bolivariana).
34. A Igreja é a comunidade daqueles que seguem “o caminho do Senhor” (Atos 18:25). É o Povo de Deus em peregrinação no mundo. A sinodalidade manifesta a dimensão social e histórica da Igreja, que está enraizada na condição de peregrino do ser humano, que viaja pela vida em busca da felicidade. O Povo de Deus é chamado a caminhar junto com toda a família humana, sendo um sacramento de salvação e de esperança. Aqui surge a dupla dimensão da sinodalidade na medida em que expressa caminhar juntos na vida da Igreja e acompanhar a história dos povos em direção à plenitude do Reino de Deus.
35. Na jornada comum das igrejas da América Latina e Caribe, estamos desenvolvendo um sentido de “nós” através da experiência e dinâmica de antigos e novos processos sinodais. Neste processo, estamos dando vida a nossa convicção de que o Povo de Deus a caminho é o sujeito da comunhão sinodal. As assembleias reafirmaram o que o Concílio Vaticano II expressou sobre a dignidade comum e a igualdade fundamental

de todos os batizados, mulheres e homens. O dom da fé e o sacramento do batismo nos tornam seguidores de Jesus e nos conferem a todos a condição de membros do único Povo de Deus, desde o menor dos batizados até o sucessor de São Pedro.

36. Em nossa jornada, sentimos e afirmamos que a sinodalidade nos ajuda a ser uma Igreja mais participativa e corresponsável. Uma Igreja sinodal é desafiada a encorajar a participação de todos, de acordo com a vocação de cada um e de todos, com a autoridade conferida por Cristo ao Colégio dos Bispos, presidido em caridade pelo Bispo de Roma. A participação se baseia no fato de que todos os fiéis são chamados e capacitados para colocar os dons recebidos do Espírito Santo a serviço dos outros. A autoridade dos Pastores é um dom do mesmo Espírito de Cristo Cabeça para servir à edificação de todo o Corpo. Na comunhão sinodal, os Bispos exercem sua missão apostólica caminhando, acompanhando e guiando seus irmãos e irmãs para seguir Jesus, o Caminho, a Verdade e a Vida.
37. A sinodalidade expressa a condição de subjetividade que corresponde a toda a Igreja e a todos na Igreja. Nós crentes somos irmãos e irmãs na mesma viagem, chamados a ser sujeitos ativos porque participamos do único sacerdócio de Cristo. O Espírito Santo é a fonte de uma grande diversidade de vocações, identidades, talentos, competências e ministérios que enriquecem a unidade na comunhão. Aqui estamos diante de um desafio permanente, que é como promover a diversidade sinodal sem transformá-la em divisões, e como construir a unidade sem transformá-la em homogeneidade. A grande maioria dos fiéis cristãos são homens e mulheres leigos que recebem a fé e aprendem a viver a comunhão de amor dentro de suas famílias e comunidades.
38. A vida sinodal é testemunha de uma Igreja formada por pessoas e comunidades livres e diversas, chamadas a se relacionar fraternalmente por laços de respeito mútuo e afeto recíproco. Muitas vezes questionaram como nos tratamos mutuamente na Igreja, especialmente entre pastores e leigos, e entre mulheres e homens. Em todas as assembleias ouvimos um profundo clamor para sermos bem tratados, respeitados

como iguais e valorizados na própria identidade e contribuição específica de cada um. O discernimento compartilhado mostra que ainda podemos percorrer um longo caminho no relacionamento com atitudes mais evangélicas, humanizadoras e sinodais. *“Precisamos de uma mudança estrutural que nos desinstale. Ela requer flexibilidade, diálogo, tolerância, aceitação, respeito. Não colocar vinho novo em odres velhos”* (Caribe).

39. Um desafio é abrir espaços, fornecer os meios e gerar formas para a participação efetiva das mulheres nos órgãos de discernimento e tomada de decisão. A assembleia sinodal de outubro deve aprofundar estes temas: a liderança das mulheres e sua contribuição na reflexão teológica, nos conselhos pastorais, no acompanhamento das comunidades, nas áreas de elaboração e de tomada de decisões. *“A participação das mulheres é uma profecia, um fator de esperança”* (Cone Sul).
40. A sinodalidade é fundada e expressa nas celebrações do Batismo e da Eucaristia, que é a fonte e o cume da vida cristã. Na assembleia eucarística, a comunhão batismal é atualizada e é gerado um dinamismo de participação. Há uma tensão entre diferentes formas de valorizar e viver estes sacramentos. Há quem aponte *“uma tensão entre uma liturgia ritualística e uma liturgia aberta e inculturada”* (Cone Sul) *“É necessário construir novas linguagens e expressões litúrgicas, mantendo a Eucaristia como fonte e ápice de nossa caminhada conjunta”* (Bolivariana).
41. A sinodalidade encoraja o compromisso ecumênico de todos os cristãos porque é um convite a caminhar juntos em direção à unidade plena em Cristo. Sem minimizar as diferenças, a sinodalidade nos abre para reconhecer as diversidades legítimas em uma troca mútua de dons e guia nossos passos em direção a uma «harmonia reconciliada». Ao mesmo tempo, uma Igreja sinodal deseja promover ainda mais o diálogo inter-religioso e a fraternidade universal em todos os continentes.
42. Nos diferentes povos, que experimentam o dom de Deus de acordo com sua própria cultura, a Igreja expressa sua genuína catolicidade e mostra a beleza deste rosto pluriforme. *“Para avançar na configuração das Igrejas com rosto próprio e para responder aos desafios específicos de seu contexto,*

sente-se na Amazônia a necessidade de maior autonomia e diversificação das Igrejas locais, assim como de seus órgãos representativos, como as Conferências Episcopais” (CEAMA - REPAM).

3. Sinodalidade: o modo de ser e de atuar da Igreja



43. A sinodalidade é a dimensão dinâmica da comunhão eclesial, chamada a encarnar um modo de ser e de agir fundado na união com a Santíssima Trindade, animado pelo Espírito e centrado em Jesus Cristo. O encontro com a pessoa do Senhor é o critério fundamental de todo discernimento e o que sustenta a missão evangelizadora da Igreja. Estamos convencidos de que *“o grande horizonte é o discernimento de um novo modo de ser Igreja, a partir do encontro com Cristo como caminho de comunhão, participação e missão com uma clara conversão pastoral que reflita o desejo de viver em sinodalidade em todas as suas esferas, até que ela se torne um modo de vida”* [...] (Bolivariana).
44. Os discípulos missionários encontram sua fonte de vida e inspiração na celebração da festa da Eucaristia e na leitura orante - pessoal e comunitária - da Palavra de Deus, o que lhes permite viver um processo contínuo de conversão pastoral, fortalecer seu sentido de pertença à comunidade eclesial e animar uma participação corresponsável no caminho sinodal.
45. A Igreja discípula missionária, atenta aos sinais dos tempos, sente-se convidada a cultivar uma espiritualidade sinodal encarnada e mariana porque *“Maria nos lembra que Cristo é o centro de nossa vida e o modelo do*

caminho sinodal” (Bolivariana). Ela resgata a riqueza da fé e da piedade popular “*para fortalecer a experiência interior de nosso povo como complemento da vida litúrgica*” (Bolivariana), que deve ser inculturada, e deve expressar “*a sabedoria, a alegria e os ensinamentos de nossos povos [...] Eles contribuem, celebram, escutam, acolhem, acompanham, dão e recebem nas diversas dimensões da existência*” (Contribuição Afro-Garifuna).

46. A maneira sinodal de ser e de agir da Igreja exige um estilo de discernimento comunitário baseado na escuta mútua do Espírito e no diálogo verdadeiro e confiante. É o “*Espírito que nos impulsiona a esta abertura, a esta busca da novidade de Deus, mesmo com todos os riscos que isto implica*” (Caribe). Devemos “*superar nossos medos diante da escuta, porque sabemos que ela nos compromete a agir e a responder aos nossos irmãos e irmãs que são escutados*” (Cone Sul).
47. Para esta escuta perspicaz, a Igreja deve considerar e exercitar a conversação espiritual. Como método e prática, ela nos ajuda a aprender a ouvir, a dialogar, a se formar em itinerários, dinâmicas e processos que sustentam uma conversão pessoal, eclesial e estrutural. À luz deste estilo, é gerada a reciprocidade necessária que nos leva à complementaridade da vocação e dos dons de cada um. A dinâmica será “*aprender a escutar, a escutar uns aos outros e, sobretudo, a escutar-nos profundamente, porque quando escutamos o outro (com plena atenção) ele toca, agita nosso ser e exige que transformemos atitudes, mudemos formas de nos relacionarmos e passemos ao diálogo*” (contribuição de Povos Indígenas). Esta maneira de ser ajuda a recriar laços e nos convida a ter uma nova maneira de nos relacionarmos, aberta à ação do Espírito, que sempre surpreende e abre novos caminhos. A sinodalidade supõe uma “*espiritualidade que consiste em amar e escutar, com responsabilidade, com compromisso e sem medo*” (Cone Sul); nos move a abraçar o “*caminho do perdão e da reconciliação, reconhecendo nossas falhas e omissões, para reconstruir a partir de nossa própria vulnerabilidade, a Igreja sinodal*” (Camex-Sul).
48. À luz da reflexão sobre o método de conversação espiritual, que é particularmente apropriado para este momento, surgem “insights”,

tensões e prioridades que podem auxiliar no processo. A conversação espiritual permite falar livremente sobre questões incômodas e dolorosas, em uma experiência de relacionamento horizontal. Longe de anular a própria identidade e histórias de vida, ajuda a se colocar no lugar da outra pessoa, a se sintonizar com seus sentimentos e, a partir daí, a refinar suas próprias convicções. Esta experiência é um itinerário formativo: aberto à aprendizagem, à combinação de sentimentos e ideias que leva a mudanças, possibilita encontros improváveis, favorece o diálogo e cria canais de comunicação.

49. É percebido que a animação e a ação do Espírito acompanham todo o processo. É necessário viver esta experiência a partir de uma liberdade interior e com o coração aberto, evitando polêmicas, impondo ideias, “agendas” e tudo aquilo que impede o Espírito Santo de ser o protagonista.
50. O método é como um ciclo espiral ascendente que se move do eu (1º momento - sentimentos: pessoais) ao deixar-me tocar pelo outro, o você (2º momento - ecos: relacionais), para finalmente chegar ao nós (3º momento - escolha da vontade de Deus: o comum). O método não deve ser a soma de discernimentos individuais, mas os meios e a expressão de um processo comunitário.
51. É importante buscar como integrar o método hermenêutico de Ver - Julgar - Agir, adotado pela Igreja na América Latina e Caribe, com o processo de diálogo espiritual, de modo a manter uma análise profunda da realidade associada ao discernimento, e que sempre resulta na busca de consenso para alcançar a ação transformadora. Certamente já existem avanços de nossa região que vêm da experiência do trabalho sinodal continental: associar o ver com o escutar, contemplar; o julgar com o discernir, interpretar; e o agir com o projetar, responder.
52. Para estimular o processo de discernimento sinodal, seu tempo e seus passos, em fidelidade ao que é compartilhado e ao que o Espírito quer dizer, é importante treinar e conduzir os moderadores e os secretários

dos grupos. Treinar o moderador, para que ele possa animar o processo como tal, evitando cair em um mero grupo de opinião; e o secretário, para que ele possa ajudar a redigir uma síntese comunitária e não permanecer uma mera sessão de chuva de ideias.

4. Igreja sinodal missioneira



53. Uma Igreja sinodal, segundo o lema do Sínodo, é uma Igreja em comunhão e participação para a missão - *“a Igreja que é sinodal tem o desafio e a missão de se mostrar missionária”* (Caribe). Portanto, *“são urgentemente necessárias estruturas para garantir uma sinodalidade missionária, incluindo todos os membros na periferia”* (Camex). Em vez de fechar a Igreja em si mesma, a sinodalidade leva a uma Igreja missionária a serviço da fraternidade universal. Como a sinodalidade, a missionariedade é constitutiva da Igreja, pois cada batizado é um discípulo missionário de Jesus Cristo em sua Igreja. O discipulado é o seguimento de Jesus, um caminho com ele para colaborar com sua obra e para prolongá-la na história. Por sua vez, a obra de Jesus é evangelizar e, portanto, esta é também a missão da Igreja. Como disse São Paulo VI, *“a Igreja existe para evangelizar”* (EN 14). É necessária uma *“revisão das estruturas e da instituição eclesial como um todo, em função do serviço e da evangelização”* (Cone Sul).
54. Jesus, em sua pessoa, sua vida, sua obra e sua Páscoa, faz presente o Reino de Deus. O Reino é um absoluto, ao qual tudo se torna relativo. A missão evangelizadora da Igreja não é outra senão dar continuidade à missão de Jesus, contribuindo para o crescimento do Reino no mundo, especialmente nas periferias, que deve ser seu centro. É necessário *“levar a Boa Nova às periferias; reconhecer que ali também ela está encarnada e é vida, que é vivida e constrói a sinodalidade”* (Bolivariana).

55. A missão, em termos sinodais, não é proselitismo, o que leva a uma Igreja auto referencial, eclipsando o Reino de Deus, do qual é o sacramento. É necessário “*ser uma Igreja credível, um sacramento do Reino*” (Caribe). A missão consiste no anúncio alegre e gratuito de Jesus Cristo e de seu mistério pascal a toda a humanidade, numa relação intercultural, pois está inserida num mundo plural e diverso. É assinalado que “*o horizonte mais claro que se abre é o desafio da evangelização na diversidade, como ser discípulos missionários em meio à diversidade de contextos, de situações e da complexidade do mundo*” (Caribe). É urgente “*atender aos temas da evangelização, respeitando sua cultura, convidando-os a participar, aproximando-se de seu modo de vida e compreendendo sua visão de mundo*” (Cone Sul). A missão consiste em encarnar o Evangelho nas culturas, contribuindo para a formação de Igrejas locais indígenas, com o rosto dos povos que fazem parte delas. Uma Igreja encarnada corresponde a uma evangelização inculturada e inculturadora da Igreja como instituição, em sua organização e estrutura.
56. A sinodalidade ajuda todos os batizados a serem sujeitos ativos da missão evangelizadora e o Povo de Deus a caminhar com uma humanidade que está toda em peregrinação, numa postura de diálogo e serviço ao mundo, em vista de uma fraternidade universal. É apontado que “*o mundo precisa de uma “Igreja em movimento” que rejeite a divisão, que volte seu olhar para a humanidade e lhe ofereça, mais que uma doutrina ou uma estratégia, uma experiência de salvação, um “transbordamento de dons” que responda ao grito da humanidade e da natureza*” (Camex). Na missão evangelizadora, outros não são apenas destinatários, mas também interlocutores, pois os discípulos missionários estão em uma relação horizontal de comunhão com todas as pessoas de boa vontade, nas quais o Espírito de Deus está atuando. A sinodalidade leva à missionariedade aberta, à participação e ao intercâmbio sem fronteiras.
57. Entretanto, a identidade evangelizadora da Igreja nem sempre parece estar presente em todas as comunidades, porque às vezes elas estão mais preocupadas em resolver seus problemas internos do que em anunciar a Boa Nova. Existe uma tensão “*entre uma igreja egocêntrica e uma igreja missionária*” (Cone Sul). Isto pode levar à tentação de “*acreditar*

que primeiro temos que resolver os problemas da sinodalidade e depois sair em missão” (Caribe). A sinodalidade e a missão são dois aspectos intimamente ligados porque a sinodalidade enriquece a missão e a missão energiza a sinodalidade.

58. Nas assembleias regionais é mencionado que a tendência eclesial de se concentrar em si mesma pode surgir do *“medo e da dúvida sobre como sair na vida cotidiana e na convivência com as pessoas”* (Bolivariana). Há também *“medo de perder o poder e o desejo de controlar, o que leva à intolerância e rigidez que impede passos concretos e ousados para cumprir a missão evangelizadora de levar as pessoas ao encontro com Deus”* (Caribe). Isto leva a uma forte tensão entre um ministério pastoral de mera conservação, que assegura os espaços e os tempos da comunidade, e uma Igreja que não só estende sua tenda para acolher, mas também sai dela para encontrar com os outros onde eles estejam.
59. Neste sentido, surge uma questão que gera ênfases diferentes: até que ponto e de que forma o Evangelho deve penetrar nas culturas? É um desafio discernir como realizar a tarefa evangelizadora no contexto atual de diversidade, multiculturalismo e interculturalidade, para aprender a viver a fé em uma grande diversidade. *“Esta inculturação deve também influenciar a construção de espaços litúrgicos para torná-los mais adequados à teologia da sinodalidade”* (Cone Sul).
60. A evangelização se dá através do testemunho da vida pessoal e comunitário. A fé cresce através da atração da graça de Deus, valoriza indivíduos e povos como sujeitos e reconhece a herança evangelizadora dos povos indígenas e afrodescendentes que vivem a fé à sua própria maneira. Outro *“desafio para a Igreja em sua missão evangelizadora é o sectarismo”* (Cone Sul), entendido como a divisão e as lutas internas de setores fechados sobre si mesmos, o que é uma “anti” testemunha.
61. Também é pedido que *“passemos de uma evangelização centrada no pecado para uma perspectiva da Boa Nova, como o médico que, em vez de se concentrar na doença, enfoca seu trabalho na saúde; (desta forma) podemos passar do lamento para o foco no que podemos fazer”* (Bolivariana). Por outro lado, é sempre necessário

lembrar qual é a finalidade da missão evangelizadora, porque às vezes ela se reduz a um de seus processos, como a administração dos sacramentos, em vez de promover um verdadeiro encontro com Cristo que inicia e fortalece um caminho de seguimento e crescimento na fé.

62. Durante as reuniões, foi destacado o papel dos leigos e especialmente das mulheres na transmissão da fé. Catequistas e evangelizadores que, em lugares distantes e contextos difíceis, com paixão e esperança, são um dom de Deus pelo qual somos gratos e valorizados. Entretanto, também foi mencionado que às vezes existe uma tensão percebida com o clero que se arrogam a responsabilidade de dirigir toda ação evangelizadora na comunidade. *“O apoio, a proclamação e o testemunho das mulheres missionárias devem ser valorizados. E isto é fundamental em uma Igreja sinodal”* (Bolivariana).

5. A sinodalidade: compromisso socioambiental num mundo fragmentado



63. A sinodalidade motiva a Igreja a sair de si mesma e a se colocar com toda sua missão a serviço da sociedade. Como mostram as sínteses, existem experiências sinodais de uma Igreja que é companheira no caminho dos povos da América Latina e Caribe. Várias contribuições afirmam que em muitas sociedades de nossa região existe uma grande diversidade étnica, cultural e social. Isto é uma riqueza, mas também pode ser percebido como uma ameaça. Isto se manifesta em múltiplas fragmentações, em grandes desigualdades, na marginalização e exclusão de diferentes grupos no continente. Nossas sociedades também sofrem de fortes polarizações ideológicas e políticas; em vários países, pode ser observado com preocupação um enfraquecimento da democracia como sistema de representação e governo. Nestes contextos, uma Igreja sinodal é chamada a renovar sua opção preferencial pelos pobres e a destacar a dimensão social da evangelização, pois se ela “não for devidamente explicada, há sempre o risco de distorcer o significado autêntico e integral da missão evangelizadora” (EG 176).
64. Nas reuniões, chamou-se a atenção para o que se observa em muitos lugares: “*o distanciamento das Igrejas locais da realidade, dos gritos que vêm das*

terras e dos povos, das diversas realidades das pessoas em vulnerabilidade, das periferias” (Cone Sul), sejam elas geográficas, territoriais, sociais e existenciais. Os pobres têm muitos rostos: rostos de mulheres, povos indígenas e afrodescendentes, pessoas em condições vulneráveis como migrantes e refugiados, pessoas com deficiência, crianças e idosos vulneráveis, e muitos outros.

65. Uma Igreja sinodal é chamada a *“ser uma Igreja mais profética e samaritana. Uma Igreja profética e missionária que realmente sai para as periferias geográficas e existenciais e escuta o grito dos pobres e da criação” (Bolivariana).* É importante que no processo sinodal tenhamos a audácia de levantar e discernir grandes temas, muitas vezes esquecidos ou negligenciados, e de encontrar o outro e todos aqueles que fazem parte da família humana e que muitas vezes são marginalizados, também em nossa Igreja. Vários apelos nos lembram que no espírito de Jesus devemos *“ser inclusivos com os pobres, com as comunidades LGBTQ+, com os casais em segunda união, com os sacerdotes que querem voltar à Igreja em sua nova situação, com as mulheres que abortam por medo, com os presos, com os doentes” (Cone Sul).* Trata-se de *“caminhar juntos em uma Igreja sinodal que escuta todos os tipos de exilados para que se sintam em casa”*, uma Igreja que é *“um refúgio para os feridos e os quebrados” (Cone Sul).* Isto exige disponibilidade para *“ir ao encontro, dar atenção, se envolver”*. Porque sinodalidade significa não esperar que as pessoas venham, mas sair para encontrá-las” (Cone Sul).
66. A Igreja oferece seu amor e serviço samaritano em solidariedade, aprendendo a caminhar com todos aqueles que também estão a serviço daqueles que sofrem, procurando gerar alternativas à cultura do descartável, e para enfrentar os diferentes tipos de violência que aumentaram nos últimos anos. Entre eles, a violência ligada às grandes desigualdades sociais, o tráfico de drogas, o crime organizado, o tráfico de pessoas e os maus tratos a crianças e mulheres. Nesta jornada conjunta, a Igreja está descobrindo diferentes formas de ser sinodal em alianças com movimentos sociais e populares, e outras pessoas e instituições envolvidas na promoção de todos, tais como o Pacto Educativo Global.

67. Algumas contribuições pedem: *“Ouvir o grito dos povos e da terra” é um compromisso com o Evangelho que nos pede para sermos aliados dos povos em defesa da vida e de seus territórios*” (Cone Sul). Isto é especialmente verdadeiro para a Amazônia, ameaçada pelo colapso ecológico, com consequências desastrosas para a vida da terra e de seus povos. Há um sentimento da Amazônia que aponta para *“o abandono de nossos povos indígenas; a falta de uma presença real no meio dos povos amazônicos”* (Bolivariana). É identificado como *“um assunto pendente: alcançar os povos originais, marginalizados por sua língua, cultura e visão de mundo diferentes; e [...] alcançar as [outras] periferias, aproximar-se e acolher os indigentes, os de outras crenças e costumes”* (Cone Sul).
68. O serviço socioambiental ao qual a Igreja é chamada a servir à luz do Evangelho e da Doutrina Social da Igreja é fortalecido em um diálogo ecumênico e inter-religioso que leva à ação comum. Em muitos países da América Latina e Caribe existem Conselhos Inter-religiosos nos quais participam ativamente representantes de várias Igrejas cristãs e de várias religiões presentes em nossa região. Com base em um compromisso compartilhado com a promoção dos direitos humanos, da justiça, da paz e do cuidado com nossa casa comum, realizam atividades em conjunto em favor da sociedade.
69. Várias contribuições expressam que uma Igreja sinodal, vivida como um hospital de campanha, deve dar um lugar central aos jovens. Para estar perto deles, para curar suas feridas e acompanhá-los em suas buscas, a Igreja deve *“adaptar sua linguagem, seus símbolos a fim de estar perto de suas realidades concretas. Devemos pensar em novos métodos para encantar e resgatar a presença dos jovens na Igreja, indo onde eles estão e caminhando junto com eles”* (Cone Sul). É importante que *“eles, e nós também, tomemos consciência do papel de liderança que têm que desempenhar na Igreja e na sociedade”* (Cone Sul).
70. O pedido de escuta, integração e participação na tomada de decisões por parte dos jovens foi reiterado. A oração que um grupo deles fez na reunião do Cone Sul ressoa, expressando por que seus amigos haviam deixado a Igreja e concluindo com uma oração sincera: *“Deus, Mãe e Pai, escutai nosso grito em oração! Sopra com força para que a Igreja não se esqueça*

dos jovens, para que abrace suas vidas à medida que eles vêm, com seus sonhos e anseios, e os acompanhe na tarefa de difundir e promover a sinodalidade”.

71. Muitos jovens manifestam uma grande sensibilidade aos problemas sociais e ambientais com grande criatividade na geração de soluções a partir de seus espaços. Sendo “nativos digitais”, têm muito mais conhecimentos e habilidades para ajudar a Igreja a descobrir as potencialidades digitais para a evangelização, o trabalho em rede e a criação de uma cultura sinodal nestes espaços.
72. A participação de representantes do Sínodo Digital nas assembleias gerou interesse em uma presença mais ativa e proativa neste espaço. Há também a necessidade de acompanhar mais de perto os evangelizadores digitais.

6. Conversão sinodal e reforma das estruturas



73. O Concílio Vaticano II concebe a Igreja como uma instituição que necessita de renovação permanente. Em continuidade com o Concílio, o papa Francisco se refere à Igreja como *Ecclesia semper reformanda*, o que requer a conversão de toda a comunidade eclesial. A Igreja da América Latina e Caribe assume este chamado como uma conversão pastoral permanente, que exige uma revisão da “praxis pessoal e comunitária, das relações de igualdade e autoridade, das estruturas e dos dinamismos” (SD 30). As regiões consultadas afirmaram que “*a sinodalidade requer uma conversão pessoal, comunitária, eclesial e estrutural*” (Cone Sul), de modo que “*é urgente uma mudança de mentalidade, uma mudança de estruturas*” (Camex).
74. Esta chamada não é isenta de desafios e tensões. Encontramos pessoas e grupos que querem separar a mudança de mentalidade e a conversão pessoal da reforma das estruturas, assim como há aqueles que não querem a reforma da Igreja. Portanto, estas mudanças têm que ser parte de um processo de “*conversão ativa, para uma verdadeira transformação da mente e do coração, já que todos nós fomos formados em tempos diferentes e temos muitas práticas arraigadas*” (Cone Sul). Daqui deriva a necessidade de que as Igrejas locais gerem processos e espaços de escuta, diálogo e discernimento que continuem a aprofundar a questão fundamental da

jornada sinodal: “como esta jornada em conjunto se realiza hoje na própria Igreja particular? Que passos o Espírito nos convida a dar?” (Preparatório Doc. 26).

75. A resposta a estas perguntas é construída envolvendo todo o Povo de Deus. Um passo deve ser dado em direção a uma autêntica *sinodalização* de toda a Igreja, que implicará “*reformas espirituais, pastorais e institucionais*” (DA 367), com o objetivo de dar forma a um novo modelo institucional. As consultas regionais reconhecem que, para conseguir isto, “*novas opções pastorais devem ser criadas a partir de uma mudança de mentalidade e renovação das estruturas existentes*” (Caribe). Neste contexto, o desafio é buscar uma reforma dos seminários e das casas de formação, especialmente quando algumas destas instituições não superaram sua forma tridentina. Muitas pessoas veem “*os seminários como casas fechadas que não ajudam na visão de um sacerdócio ministerial*” (Camex). A reforma atualizada da *Ratio fundamentalis institutionis sacerdotalis* precisa ser prosseguida. Na formação dos candidatos ao sacerdócio, as famílias, os leigos e os consagrados e consagradas devem ser envolvidos. Isto foi enfatizado por todas as assembleias regionais.
76. Todo o processo de renovação rumo a uma maior sinodalidade na Igreja requer mais formação. Foi solicitado que os itinerários formativos e catequéticos fossem integrais e que os membros do Povo de Deus os realizassem juntos. Foi enfatizado que as famílias, como igrejas domésticas e comunidades eclesiais paroquiais e educacionais, deveriam ser o primeiro lugar para a formação em comunhão sinodal. Ao mesmo tempo, foi solicitado que as paróquias pudessem ser renovadas no modelo de uma comunidade de comunidades, revitalizando assim as pequenas comunidades.
77. Entre as numerosas propostas e solicitações de formação expressas nas assembleias como tema de destaque, surgem vários horizontes e áreas: “*acreditamos na importância da formação sinodal e por isso gostaríamos de contribuir com algumas ideias para uma formação integral: aprender a trabalhar em colaboração; crescer em uma cultura de discernimento; implementar transparência nas diversas áreas da vida eclesial; adquirir habilidades digitais e radiofônicas para estar*

permanentemente conectados com as necessidades da paróquia; mostrar experiências experimentais para tornar visível a relevância da sinodalidade” (Bolivariana).

78. Um eixo transversal em todas as esferas eclesiais é o da formação de uma cultura de respeito por todas as pessoas e a prevenção de todos os tipos de abuso.
79. As consultas regionais mencionam a prioridade de tornar obrigatória a constituição dos diversos conselhos promovidos pelo Vaticano II: conselhos presbiterais, conselhos econômicos (diocesanos e paroquiais) e conselhos pastorais (diocesanos e paroquiais). Pedem também que *“sejam um espaço de inclusão, diálogo, transparência e discernimento não somente em nível nacional e regional, mas também nas comunidades de base, paróquias e dioceses, prelazias e vicariatos, seguindo o processo de comunhão e participação”* (Cone Sul). É reconhecido que os conselhos oferecem *“esferas permanentes para o exercício e promoção da comunhão e sinodalidade”* (CTI, Sinodalidade, 80). Mas a sua implementação formal não é suficiente. Pede-se que cada conselho *“não seja apenas um espaço consultivo, mas que asseguremos que ele tenha voz nas decisões sobre governança e mudanças estruturais”* (Camex).
80. Uma Igreja estruturada com base em uma rede de conselhos permitiria estabelecer procedimentos institucionais de responsabilidade e transparência que partissem das comunidades e ajudaria a erradicar abusos de consciência, de poder, espirituais, psicológicos, sexuais e econômicos. Isto exige a criação de órgãos e protocolos de prevenção, reparação e justiça (cf. AE 355). Isto responderia a vozes que veem *“uma tensão entre o desejo de uma Igreja mais transparente versus uma cultura de sigilo”* (Cone Sul), e que clamam por um maior *“compromisso de cuidar e ouvir as vítimas de abuso”* (Camex). Este e outros aspectos exigirão *“a abertura a possíveis modificações no Direito Canônico que deem forma jurídica à prática sinodal; especialmente que as instituições sinodais sejam reconhecidas por lei e que ela ajude a garantir e promover maior transparência”* (Cone Sul).
81. O surgimento de uma nova eclesialidade sinodal nos apresenta o desafio de imaginar novas estruturas. Algumas já estão surgindo, como a Conferência Eclesial para a Amazônia (CEAMA) e a primeira Assembleia

Eclesial da América Latina e Caribe. Entretanto, surgiu a preocupação de ver como articular colegialidade episcopal e eclesialidade sinodal, o que nos convida a pensar como integrar a elaboração e a tomada de decisões, pois *“a dimensão sinodal da Igreja deve ser expressa através da realização e do governo de processos de participação e discernimento capazes de manifestar o dinamismo da comunhão que inspira todas as decisões eclesiais”* (ECI, Synodality 76). Da mesma forma, estas novas estruturas nos colocam diante de formas de organização e funcionamento que devem ver como articular o sentido da fé de todos os fiéis, a autoridade episcopal e o serviço da teologia, porque o Espírito Santo fala através de todo o Povo de Deus como um todo e não somente através de alguns (os bispos) ou um (o bispo de Roma, que tem o primado). *“Se o Povo de Deus não for sujeito na tomada de decisões, não haveria sinodalidade. E se o Povo de Deus não é constitutivo de um organismo que toma decisões para a Igreja como um todo, este corpo também não é sinodal”* (CEAMA-Repam). Em tudo o que foi dito, está claro que é necessário *“renovar e repensar as estruturas da Igreja a fim de responder aos desafios do mundo de hoje, interpretando os sinais dos tempos [e] um passo para isso é a reforma do Código de Direito Canônico”* (Bolivariana).

7. Vocações, Carismas e Ministérios em uma perspectiva sinodal



82. *“A sinodalidade é a arte de valorizar, acolher e saber articular todos os dons e carismas que o Senhor nos deu, de tal forma que eles fluam e se tornem um canal de graça e bênção, e por isso é importante valorizar as diferentes vocações”* (Bolivariana). A Igreja é um Povo profético, sacerdotal e de serviço real, onde todos os seus membros são sujeitos da vida teológica rumo à santidade. Eles recebem de Deus diferentes carismas para servir ao bem comum (CF. AE 171).
83. A riqueza da diversidade de carismas e ministérios tem sido mencionada repetidamente nas reuniões regionais. Estes se expressam tanto nos dons que enriquecem a vida consagrada quanto nos dons muito variados dos diferentes leigos. Por esta razão, é necessário *“rever a estrutura da Igreja para que ela seja uma comunidade de comunidades, reconhecendo a unidade em missão com a diversidade de ministérios que o Espírito Santo dá através dos dons a cada um de seus membros, de acordo com sua vocação, a fim de não se opor à dimensão carismática com a dimensão institucional”* (Bolivariana).
84. No entanto, uma Igreja que é “toda ministerial” não é necessariamente uma Igreja que é “toda instituída ministerialmente”. Há legitimamente muitos ministérios que fluem da vocação batismal, incluindo ministérios espontâneos e outros reconhecidos que não são instituídos

e outros que são instituídos com sua formação, missão e estabilidade. Inclusive, alguns povos indígenas até mesmo apontaram que têm seus próprios ministérios, que já estão vivos, mas que não são reconhecidos pela instituição eclesial.

85. É necessário um profundo discernimento comunitário sobre quais ministérios precisam ser criados ou promovidos à luz dos sinais dos tempos, especialmente entre os leigos. Estes não devem ser apenas para atender às necessidades internas da Igreja, mas como “*resposta ao serviço do mundo*” (Camex), porque “*a missão dos cristãos, acima de tudo, está no mundo*” (CEAMA-Repam). Aqui ressoa a voz do Papa Francisco, que, na exortação *Querida Amazônia*, fala de “uma cultura eclesial marcadamente laica” (QA 94). Devemos valorizar e promover “*o serviço dos leigos na construção do mundo, da economia, da política, das ciências, das artes, etc.*” como uma dimensão essencial para que “*a Igreja seja um povo profético, sacerdotal e régio*” (Caribe, CEAMA-Repam).
86. Uma questão central é incentivar a participação de leigos, especialmente mulheres e jovens, em cenários de tomada de decisão. Há uma presença majoritária de mulheres porque “*são elas as que mais apóiam a Igreja*” (Camex) mas, por outro lado, são elas que “*precisam estar abertas à incorporação e participação nas esferas de tomada de decisões*” (Cone Sul). Há contribuições que apontam que estes espaços já existem em algumas de nossas igrejas locais, mas outras têm “*a sensação de que as mulheres são ‘mão-de-obra barata’ dentro da Igreja*” (Cono Sur) e é “*necessário criar e instituir novos ministérios, especialmente para as mulheres*” (CEAMA-Repam). Muitas vozes consideram urgente a instituição do diaconato feminino, reconhecendo o que está sendo experimentado em várias comunidades.
87. O ministério sacerdotal sofreu uma profunda renovação desde o Concílio Vaticano II. Entretanto, o clericalismo, entendido como a expressão do autoritarismo clerical, é repetidamente denunciado como a deformação do serviço ministerial em um abuso de poder. Isto afeta não apenas o sacerdócio ordenado, mas é também uma tentação para todos os ministros da Igreja, incluindo os leigos. “*Vemos a necessidade de pensar em uma conversão dentro da Igreja que supere o clericalismo e o machismo*”

que exclui as mulheres dos processos de discernimento e tomada de decisões, e isso é algo cultural que temos que enfrentar, mesmo que tenhamos que ir contra a maré. Fraternidade e irmandade é o que precisa ser cultivado” (Cone Sul. CEAMA-Repam).

88. É por isso que é importante *“tomar medidas para superar o clericalismo nos leigos e no clero, assumindo nossa missão a partir do princípio de subsidiariedade como um modo de proceder sinodal”* (Bolivariana). A Igreja é mais sinodal quando caminha com todos os batizados e os incentiva a viver a missão reconhecendo sua dignidade comum como base para a renovação da vida eclesial e com ministérios nos quais a autoridade é serviço. *“A autoridade como serviço constrói a interdependência (nem dependência nem independência) com base na vocação comum como discípulos”* (Bolivariana).
89. A revalorização da vida e da dignidade batismal como fonte primária de todos os ministérios exige um novo modelo institucional que contrarie o modelo piramidal que facilita o clericalismo. A sinodalidade oferece a estrutura interpretativa apropriada para pensar a renovação do ministério ordenado, que supõe, entre outras coisas, *“discernir a ministerialidade de todo o Povo de Deus em uma chave de co-responsabilidade”* e viver *“a ministerialidade como um pacto com os pobres”* (Cone Sul).
90. Isto também implica repensar o modelo de ministério ordenado. Alguns dizem que em suas comunidades existe um *“conflito entre o sacerdócio comum e o sacerdócio ministerial”*, assim como *“formas de sacerdócio que não respondem às necessidades do Povo de Deus”* (Camex) *“Não sabemos como articular o ministério laico e ordenado”* (Caribe). Assim, se queremos uma Igreja mais sinodal e missionária, *“é necessário repensar o perfil dos ministérios, especialmente dos ministros ordenados, para que exerçam seu ministério ‘na’ comunidade e não ‘sobre’ ela”*, com uma formação *“em estreita relação com os processos pastorais e a vida do povo que vão servir”* (Ceama-Repam).
91. Nesta área do ministério ordenado, várias vozes têm sugerido que *“precisamos de um diálogo aberto e honesto sobre se a questão do celibato e sua relação com o ministério sacerdotal ainda é útil”* (Caribe). Além disso, a possibilidade de ordenação sacerdotal dos diáconos permanentes foi considerada

favoravelmente, e alguns levantaram “*o serviço e a inclusão de sacerdotes casados e membros da vida consagrada que deixaram seus institutos*” (Cone Sul).

92. De maneira especial, a Assembleia Geral de outubro é convidada a abordar esta questão, promovendo a revisão da teologia e das formas de uma Igreja ministerial, a formação e o perfil dos ministros, instituídos e ordenados, e a abertura de alguns ministérios às mulheres.
93. A vida consagrada, presente nas Assembleias Regionais, é consciente da ação do Espírito e percebe um forte chamado para caminhar em comunhão com a Igreja, que é uma comunidade de discípulos iguais - pelo batismo - e compartilha ministérios, vocações e carismas para a construção do Reino. Ela nasce na Igreja, cresce e é chamada a dar frutos evangélicos na comunhão viva do Povo de Deus fiel, razão pela qual anseia “*continuar alimentando a experiência da sinodalidade e ser uma força motriz para energizá-la nos diversos contextos e nas comunidades locais às quais pertence, nas quais é constitutivamente chamada a ser uma presença sinodal profética expressa em reuniões comunitárias, Capítulos, Assembleias, serviços pastorais, etc.*” (Caribe). Homens e mulheres consagrados se comprometem a viver como uma Igreja saindo e centrada no Evangelho e - portanto - mais pobre, missionária, enraizada nos contextos, pneumatocêntrica e em constante diálogo com a realidade.
94. A sinodalidade e a vida consagrada estão interligadas no caminho de conversão, escuta e missão, com os critérios de participação e co-responsabilidade, que também definem a identidade e a natureza da própria Igreja. Os dons hierárquicos e carismáticos vão juntos para “*desaprender e erradicar todas as atitudes de dependência, submissão e silêncio dentro das comunidades, Igrejas e sociedade; e para remover o clericalismo introduzido na forma como nos relacionamos com os outros membros da Igreja. Por esta razão, tentamos resgatar e valorizar as experiências sinodais vividas há muito tempo em algumas igrejas da América Latina, a fim de aplicá-las de forma renovada em nosso aqui e agora*” (Bolivariana).

8. Contribuições do itinerário sinodal na América Latina e Caribe



95. Na Narrativa das assembleias regionais e na Introdução a esta síntese apontamos peculiaridades do itinerário sinodal da Igreja da América Latina e Caribe. No desenvolvimento dos sete temas anteriores, reunimos as principais contribuições das assembleias e das sínteses para o *Instrumentum laboris*. Agora, como uma recapitulação projetiva, levantamos quatro questões centrais.
96. (I) Tanto o texto de nossa primeira Assembleia Eclesial como o Documento para a etapa continental promovem uma Igreja missionária sinodal. A primeira questão diz respeito às relações mútuas entre eclesialidade, sinodalidade, ministerialidade e colegialidade. Ao longo do processo da Assembleia, sentimos a fecundidade mútua e a tensão positiva entre eclesialidade sinodal e colegialidade episcopal. A recente caminhada do Povo de Deus entre nós, o discernimento das vozes e expressões do *sensus fidei fidelium*, a participação responsável e co-responsável de todos, apresentam o quadro interpretativo adequado - teórico e prático - para escutar, dialogar e discernir juntos, com base na dignidade comum recebida na graça filial e fraterna do batismo. Nossa experiência mostra que neste horizonte de comunhão

se enriquece o exercício do ministério episcopal como serviço pastoral ao Povo de Deus. Estamos aprendendo que, se o ministério dos bispos não se situa dentro de uma eclesialidade sinodal, ele pode empobrecer por não receber os frutos de uma ampla troca e por sentir-se ameaçado como se a sinodalidade fosse uma democratização que põe em questão a instituição hierárquica da Igreja. Em um processo vivido sinodalmente, a elaboração e tomada de decisões pelas autoridades competentes aumenta a legitimidade e favorece uma recepção mais positiva por parte da comunidade.

97. Neste contexto, surge uma questão que deve ser analisada na próxima Assembleia Sinodal com discernimento espiritual, profundidade teológica e sentido pastoral. Ela diz respeito às relações mútuas entre eclesialidade, sinodalidade, ministerialidade e colegialidade. Isto pode ser aprofundado com base no papel central do Espírito de Deus na vida e na missão da Igreja. A teologia dos sacramentos, especialmente o Batismo e a Ordem sagrada, as relações recíprocas entre o sacerdócio comum e o ministério ordenado, e as reformas dos ministérios e estruturas da Igreja, incluindo a reforma do ministério do Sucessor de Pedro, podem ser analisadas em uma perspectiva sinodal.
98. (II) O surgimento de uma eclesialidade sinodal renovada é um desafio para imaginar reformas sinodais nas mentalidades, atitudes, práticas, relacionamentos e estruturas eclesiais. As inovações da Conferência Eclesial para a Amazônia e da primeira Assembleia Eclesial da América Latina e Caribe mostram que a criação de novas instituições não é suficiente, mas que elas devem ser acompanhadas por uma consciência e uma formação que ajude a articular a comunhão em formas novas, orgânicas e dinâmicas de participação comunitária. Não é possível concretizar as moções do Espírito para a Igreja do terceiro milênio sem uma espiritualidade de comunhão sinodal.
99. Precisamos retomar de forma sinodal as orientações do Concílio Vaticano II para uma renovação permanente da Igreja em sua fidelidade a Jesus Cristo e em sua missão evangelizadora aos povos. A exortação conciliar de ser uma *Ecclesia semper reformanda* (UR 4, 6), ou uma *Ecclesia*

semper purificanda (LG 8), são uma fonte de inspiração para que a próxima Assembleia renove a sinodalidade como comunhão, participação e missão. No novo contexto sinodal, a Igreja na América Latina e Caribe continua a receber esse chamado conciliar como um caminho de conversão pastoral e missionária.

100. Neste processo, surgem questões que não são novas, mas adquirem certa atualidade. Qual é o valor magisterial dos resultados das Assembleias Eclesiais? Não teriam maior validação e aceitação se fossem apresentados como diretrizes e documentos de todo o Povo de Deus em uma região, porque são fruto de escuta, diálogo e discernimento comum? O que aconteceria se algumas decisões de uma Assembleia fossem rejeitadas pelo órgão episcopal? Quando, como e onde deveriam ser tomadas as votações consultivas e deliberativas? É possível sonhar com uma configuração sinodal de Conferências Episcopais e estruturas continentais como o CELAM? O discernimento espiritual, os fundamentos teológicos e o direito canônico certamente devem ser reunidos aqui.
101. (III) Desde o Concílio Vaticano II e com base no método empregado pela Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, uma grande contribuição da Igreja na América Latina e Caribe tem sido a reflexão sobre a fé e a orientação da evangelização, não somente através do serviço dos bispos e teólogos, mas também através das contribuições da tradição sinodal do Povo de Deus. O ensino dos últimos Papas nos orienta a aprender com o *sensus fidei* dos fiéis como um todo, ao mesmo tempo em que sustenta o serviço adequado daqueles que ensinam a fé da Igreja com autoridade apostólica. Parece-nos que o Sínodo deveria considerar o admirável intercâmbio entre o magistério do Povo de Deus, pastores e teólogos.
102. O método de ver - julgar - agir adquiriu cidadania na Igreja da América Latina e Caribe, conforme expresso no Documento de Aparecida (cf. DAp 19). Foi aperfeiçoado e agora enriquecido pelo método de conversação espiritual, ao mesmo tempo em que o primeiro enriquece o segundo. Neste contexto, falamos do processo circular e progressivo

configurado pelos respectivos momentos de ver - ouvir - contemplar, julgar - discernir - interpretar, e agir - responder - planejar.

103. A base de nosso método hermenêutico é a convicção de que Deus se comunica na história e falou plenamente através de seu Filho Jesus Cristo, que sua Palavra é transmitida nas Sagradas Escrituras recebidas e comunicadas na Tradição da Igreja e que Deus continua a falar através de eventos históricos, especialmente através dos sinais que marcam o tempo presente. No magistério da América Latina e Caribe, a história, a teologia e o cuidado pastoral são mutuamente enriquecedores.
104. A Assembleia sinodal poderia aprofundar sinodalmente o discernimento comunitário na escuta do Espírito e da hermenêutica histórico-pastoral à luz do Evangelho de Cristo, em todos os níveis e em todos os assuntos eclesiais, em conformidade com o ensino conciliar (cf. GS 11, 44).
105. (IV) A Igreja que peregrina na América Latina e Caribe se reconhece como uma Igreja de igrejas e uma comunidade de comunidades. Nos conselhos e sínodos da primeira evangelização, e nas conferências pós-conciliares de nosso Episcopado, aconteceram valiosos intercâmbios entre igrejas locais, conferências episcopais e órgãos regionais, que foram promovidos pelo CELAM. Em seu ensino, o Papa Francisco se refere à sinodalidade local, regional e universal, e atualmente estamos passando por um processo que começa nas igrejas locais, é enriquecido nas conferências nacionais, agora atinge dimensões continentais, e na Assembleia será vivido em nível de toda a Igreja. Francisco inclui em suas encíclicas, exortações e discursos as experiências eclesiais locais e o magistério das conferências episcopais, como o Documento de Aparecida (cf. EG 25, 122).
106. O chamado a viver e agir sinodalmente nos impulsiona a redefinir as implicações mútuas entre o particular e o universal, o valor da experiência eclesial nas periferias e seu impacto no conjunto, o equilíbrio certo e tenso entre prioridades locais, nacionais, regionais e globais, e o desafio de estar aberto à harmonia, trabalho do Espírito. A próxi-

ma Assembleia pode focalizar estas questões: como integrar riquezas particulares na beleza do todo; como respeitar os ritmos e exigências daqueles que caminham mais lentamente; como superar uma prática predominantemente vertical, onde igrejas particulares parecem subordinadas, com uma verdadeira comunhão de igrejas na catolicidade universal.

107. O texto da Assembleia Eclesial ensina: “*Desde o início de nossa história eclesial americana, a Mãe de Deus sustenta a esperança do povo do continente e é o grande vínculo espiritual em toda a América*” (AE 224). Nosso povo crente, espiritual e afetivamente mariano de suas origens guadalupana e em todas as suas expressões locais, sente e sabe que “*há um estilo mariano na atividade evangelizadora da Igreja. Esta dinâmica de justiça e ternura, de contemplar e caminhar em direção aos outros, é o que faz dela um modelo eclesial de evangelização*” (EG 288). Do coração da fé e da piedade de nossa Igreja, pedimos à Virgem Mãe que nos sustente na esperança do caminho sinodal, porque ela é “rainha e mãe de misericórdia, vida, doçura e esperança nossa”.

SIGLAS

AE	Assembleia Eclesial da América Latina e Caribe. “Em direção a uma Igreja sinodal que vai para as periferias”. Reflexões e propostas pastorais da Primeira Assembleia Eclesial da América Latina e do Caribe”. (2022).
Ap.	Bíblia: Livro do Apocalipse
BOLIVARIANA	Encontro da Região Bolivariana (de 27 de fevereiro a 3 de março)
CAMEX	Encontro da Região da América Central e México (de 13 a 17 de fevereiro de 2023)
CARIBE	Encontro da Região do Caribe (de 20 a 25 de fevereiro de 2023)
CEAMA-REPAM	Contribuição da Conferência Eclesial da Amazônia e da Rede Eclesial Pan-Amazônica
CELAM	Conselho Episcopal da América Latina
CONO SUR	Encontro da Região do Cone Sul (de 6 a 9 de março de 2023)
CTI Sinodalidade	Comissão Teológica Internacional, Documento: La sinodalidade na vida e na missão da Igreja (2018)
DA	Documento Conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado da América Latina e Caribe em Aparecida (2007)
DOC. PREP.	Sínodo sobre a Sinodalidade (2021-2024): Documento Preparatório. Por uma Igreja sinodal: comunhão, participação, missão
DEC	Documento para a Etapa Continental. Sínodo sobre a Sinodalidade (2024): “Expanda o espaço de sua loja”
EG	Exortação apostólica <i>Evangelii Gaudium</i> do Papa Francisco
EN	Exortação apostólica <i>Evangelii nuntiandi</i> de Pablo VI
Hch	Bíblia: Livro dos Feitos dos Apóstolos
Is	Bíblia: Livro do Profeta Isaías
LG	Concílio Vaticano II, Constituição dogmática sobre a Igreja <i>Lumen gentium</i>
LGTBIQ+	Terminologia da diversidade nas orientações sexuais; lésbica, gay, bissexual, trans, intersexual, queer e outras
QA	Exortação apostólica post sinodal “ <i>Querida Amazônia</i> (2020) do Papa Francisco
REDCHAG	Rede Eclesial do Gran Chaco e Aquífero Guarani
REMAM	Rede Eclesial Ecológica Mesoamericana
REPAM	Rede Eclesial Pan-Amazônica
SD	Quarta Conferência Geral do Episcopado da América Latina e Caribe (1992)
UR	Decreto <i>Unitatis redintegratio</i> sobre o ecumenismo (1964) de Pablo VI.

